

AUTOR BESTSELLER DE O HOMEM DAS CASTANHAS

A CRIA DE GUCO

SØREN
SVEISTRUP



Para a minha família

MAIO DE 1992

1

Foi há bem pouco tempo que o autocarro passou da soalheira estrada rural para o poeirento caminho de gravilha. O caminho serpenteia pelo meio do bosque e sente-se a frescura da sombra das árvores.

Pontos luminosos salpicam o chão da mata consoante o sol incide pelo meio das folhas verdes, insetos esvoaçam pela luz carregada de partículas de poeira e, nas copas das árvores, pequenas aves volteiam à procura de parceiros para acasalar ou gravetos para os ninhos. Ainda estamos em maio e pouco passa das dez da manhã, mas o professor de Biologia de vinte e cinco anos Bjarke Venø adivinha já que vai estar um dia quente como no verão. Olha com satisfação para a colega de meia-idade, Ann-Louise, que conduz o autocarro, tal como aconteceu tantas vezes noutras ocasiões em que saem da casa de acolhimento. Com mãos experientes, segura o guiador pelo caminho irregular enquanto vai cantarolando a acompanhar a cantiga dos alunos.

As rodas do autocarro rodam, rodam, rodam, rodam...

A cantiga é entrecortada pelos risos das crianças e Bjarke sorri ao ver os seus rostos alegres, os quais consegue vislumbrar pelo enorme espelho retrovisor do autocarro. De seguida, deixa o olhar vaguear pelas janelas. A natureza mostra-se no seu esplendor e, para onde quer que olhe, o dia primaveril fervilha de vida, sobretudo de aves. Quando entra o mês de maio, a época de acasalamento começa a sério e as aves acasalam, nidificam e põem os ovos. Bjarke espera poder proporcionar às crianças a mesma experiência maravilhosa que teve quando era criança e explorou os pântanos da Jutlândia Ocidental. Uma sensação de expectativa nas suas entranhas diz-lhe que esta viagem é importante, sobretudo tendo em conta aquilo por que têm de passar as crianças que seguem viagem nos bancos atrás dele, o mesmo motivo por que, há quase três meses, se candidatara ao cargo temporário na Casa de Acolhimento de Aggersminde. Recém-licenciado do curso de formação de professores, não percebera que a casa também possuía o seu próprio internato com

um corpo docente permanente e salas de aulas anexas ao velho edifício, mas candidatara-se assim que vira o anúncio para o cargo. Entusiasmado e nervoso, chegara a Jyllinge duas semanas mais tarde para uma conversa com o reitor. Tivera direito a uma visita guiada e, quando lhe disseram que o emprego era dele, ficara ansioso por começar a revelar todas as ideias que lhe fervilhavam na cabeça.

Feliz por terem conseguido escapar naquela excursão conforme planeado, Bjarke revê discretamente os apontamentos no seu pequeno caderno, preparando-se para mais logo, quando tenciona revelar às crianças as informações sobre todas as diferentes espécies de aves. Não é que pensasse que a saída seria cancelada. Tivera a sensação de que uma coisa ou outra estava em andamento, mas fora apanhado de surpresa quando o chamaram ao gabinete do reitor nessa manhã. O reitor principal informara-o de que a excursão proposta precipitara várias perguntas por parte de familiares preocupados que questionaram a «segurança» da viagem. Tratando-se de uma casa de acolhimento responsável, tais preocupações foram algo que Aggersminde tivera de levar a sério. No início, Bjarke não percebera bem o que o reitor quisera dizer, mas depois caíra-lhe a ficha. Durante a maior parte da semana, a imprensa fizera uma alargada cobertura do caso de um menino de nove anos, Daniel Stryger Hansen, que desaparecera sem deixar rasto de um parque infantil no meio da natureza nas cercanias de uma pequena aldeia no sudoeste da Zelândia. A polícia, os militares e um grupo de voluntários tinham passado a região a pente fino, enquanto uma fotografia do rosto sardento do menino era transmitida repetidas vezes nos boletins noticiosos e nas páginas dos jornais nacionais. A fotografia fora acompanhada de uma descrição: baixo, cabelos arruivados, sardas, franzino, cerca de um metro e vinte de altura, usando uns calções *Adidas* azuis, uma *t-shirt* azul, um colete térmico e ténis brancos. Também fora divulgada uma fotografia de uma mochila escolar azul e branca da marca *Salomon*. Os angustiados pais tinham pedido a ajuda da população, mas até agora em vão. A polícia revelara solenemente a suspeita de que fora cometido um crime, e a imprensa especulara sobre ligações a outros casos por revolver, embora os inspetores se recusassem a retirar mais ilações sobre o assunto. Tal como toda a gente, Bjarke sentira-se afetado pelas notícias e compadecera-se do menino e dos familiares, mas não lhe

ocorrera que o incidente suscitasse preocupações entre as famílias das crianças do 4.º ano. Afinal de contas, as circunstâncias que envolviam o destino incerto de Daniel Stryger Hansen tinham ocorrido a mais de cem quilómetros dali.

Felizmente, o reitor decidira que tal não seria um obstáculo para Bjarke levar os alunos na viagem. Porém, tal precipitara uma importante mudança. A atividade realizar-se-ia agora perto do lago Gundsømagle e não no santuário para aves que Bjarke escolhera inicialmente. O lago Gundsømagle ficava mais perto da escola, e todos se sentiriam tranquilos pois já se havia levado lá as crianças por diversas vezes para atividades como fazer fogueiras e brincar às escondidas. No gabinete do reitor, Bjarke sentira-se nervoso e ao mesmo tempo irritado, pois dedicara imenso tempo aos preparativos para a visita ao santuário para aves. No entanto, quando mais tarde se inteirou da ornitologia da região em torno do lago, percebeu que continuaria a poder proporcionar aos alunos a experiência que desejava. Nos meses desde que assumira este cargo temporário, tentara suscitar o interesse das crianças na avifauna encontrada nos lagos e pântanos da Dinamarca agitando o passeio como uma cenoura à frente de um burro, e orgulha-se do sucesso conseguido, porque a atividade parece tê-los deixado particularmente de bom humor.

As escovas do autocarro fazem vum, vum, vum, vum, vum, vum...

— Falta muito? — Bjarke tenta fazer-se ouvir no meio da algazarra das crianças e do rádio do autocarro, que apregeia notícias sobre limpeza étnica na Jugoslávia. Prepara-se para repetir a pergunta a Ann-Louise, mas nesse momento o autocarro emerge do arvoredo e a paisagem desdobra-se diante deles. A visão de uma área tão vasta coberta de juncos alongando-se em todas as direções desde o bosque até ao lago provoca-lhe um friozinho no estômago.

Meia hora depois, o Sol vai alto no céu e a humidade faz o suor escorrer pelo nariz de Bjarke enquanto caminha pelo meio do juncal com as crianças a segui-lo. Patinham com determinação pela margem, por água do pântano pouco profunda, rodeados por juncos de dois metros de altura, e embora Bjarke dê o seu melhor para tornar o rouxinol-dos-caniços o mais interessante possível, percebe que as crianças começam a perder o interesse. Equipadas com galochas e segurando baldes e redes, recolheram penas e cascas de ovos de andorinhas-do-mar, chapins

e gaivotas. Pelo caminho, encontraram também sapos mortos, pedras mágicas e mexilhões de água doce, os quais Bjarke acabou de demonstrar que é possível abrir com o seu canivete. Contudo, as crianças começam a evidenciar sinais de impaciência, e ainda falta bastante tempo até o plano de Bjarke permitir uma pausa. Por fim, avista o que procurava e aponta energicamente.

— Vejam! Venham ver um ninho de rouxinol-dos-caniços.

As crianças, sobretudo as meninas, juntam-se à volta de Bjarke, que se agachou. De facto, a alguns metros de distância nos canaviais, é possível ver-se o ninho, que está quase completamente construído. É um ninho bastante vulgar, mas dá a Bjarke a oportunidade perfeita para fazer a pequena palestra que preparou.

— O ninho revela que o macho e a fêmea se escolheram mutuamente e acasalaram. Reza a lenda que isso acontece no Dia de São Valentim. Quando acabam de construir o ninho, a fêmea põe os ovos, e, quando eclodem, os pais ficam numa azáfama a tratar dos filhotes até estes crescerem e aprenderem a voar.

As meninas observam os dois rouxinóis-dos-caniços que esvoaçam atarefados à volta do ninho e alguns meninos dizem «oh» e «ah». Bjarke permite-se um sorriso e quase consegue ignorar os rapazes a choramingar em segundo plano.

— Tenho fome.

— Quando vamos brincar às escondidas?

— Ei, o que é aquilo?

Bjarke vira-se, aliviado por algo interromper o coro de queixumes. A olhar fixamente para algo no juncal ali perto, um menino — chama-se Emil, recorda Bjarke — tem uma expressão de repugnância no semblante. As crianças correm até à sua beira, Bjarke guarda com cuidado o canivete na mochila e pousa-a no chão antes de ir ver do que se trata.

Quando lá chega, consegue ver o dedo trémulo de Emil a apontar para uma fila de densos canaviais nos quais vê outro ninho suspenso. É pequeno e emaranhado e quase passaria despercebido aos mais desatentos. A grande ave vermelha que se encontra no ninho é cega, não tem penas e assemelha-se a um feto, mas mexe-se. Os olhos salientes reviram por baixo das pálpebras e, com as costas esqueléticas junto à parede interior do ninho, mexe-se, empurrando devagar um ovo para

a beira do ninho. Agarrando a malha de gravetos com as garras aguçadas, avança a medo até à beira e as finas patas cor-de-rosa tremem com o esforço de empurrar o ovo.

— O que é? — pergunta a curiosa multidão de crianças.

Bjarke fica perplexo. Não esperava assistir ali a este espetáculo.

— Também é um ninho de rouxinol-dos-caniços, mas teve a visita de um cuco, o que não é nada bom, como podem ver — explica, num tom grave, certificando-se de que as crianças não se aproximam.

— Porque está a empurrar o ovo para fora?

— É a sua natureza — explica Bjarke. — Os cucos não são como as outras aves. Não se juntam em casais. Em vez disso, copulam com diferentes parceiros e depois a fêmea põe os ovos nos ninhos de outras aves para não ter de cuidar deles. Quando o ovo de cuco eclode, a cria dedica-se a empurrar do ninho os outros ovos e as outras crias para ficar com ele só para si.

A cria de cuco chega à beira do ninho e, com um esforço extremo, consegue empurrar pela beira o rival por eclodir. O pequeno e leve ovo quase paira no ar antes de cair no meio dos juncos na água estagnada por baixo do ninho, onde já se encontra a boiar o cadáver de outro rouxinol-dos-caniços.

— Empurra os outros todos e faz com que eles morram? — questiona uma voz incrédula no meio do grupo enquanto duas meninas se entreolham a fazer caretas.

— Está na sua natureza. Depois cresce, fica bonito e passa o verão a dizer «cu-cu», e nós gostamos disso.

— O Emil é uma cria de cuco — troça uma menina, apontando para o rapaz que encontrou o ninho.

— Nã, nã, tu é que és uma cria de cuco! — Emil apressa-se a apontar para a menina, que se chama Mia, mas várias outras crianças já começaram a rir-se dele. Antes de Bjarke ter tempo de dizer algo, Ann-Louise assoma do meio dos juncos.

— Muito bem, malta! Toca a pousar as mochilas para irem brincar às escondidas. Comemos depois. Emil, és o *primeiro* a tapar os olhos.

— Não quero ser o *primeiro*!

— És o *primeiro*. Agora, pousem as mochilas ali! — As ordens de Ann-Louise estão bem ensaiadas e não deixam espaço para dúvidas. — Deixem as redes num monte ali e comecem o jogo.

As crianças cumprem as ordens de Ann-Louise e todas largam as mochilas na zona relvada perto da margem onde Bjarke deixou a sua. Uma vez mais, Bjarke percebe que tem muito a aprender com os modos firmes da colega. Emil hesita por instantes, mas depois vira-lhes as costas com determinação e começa a contar em voz alta.

— Contar até um e contar até dois. As galinhas não usam meias nem sapato nenhum. Contar até três e até quatro, sempre divertidos. Se abanares a galinha, os ovos saem mexidos.

As crianças guincham, entusiasmadas, e os últimos baldes e redes são largados enquanto correm para o juncal. Ann-Louise recolhe um monte de baldes e caminha de volta para o passadiço.

— Devo ficar aqui a olhar por eles? — pergunta Bjarke.

— Não, ficam bem. Sabem até onde estão autorizados a ir.

Bjarke assente com a cabeça, aliviado. Precisa de uma pausa. Mais tarde, perguntar-lhe-ão se conseguiu ouvir o barulho de um motor perto da costa naquele ponto, mas não se lembrará. Tudo o que Bjarke se lembrará será da voz de Emil a continuar a contar com uma cantilena enquanto ele enxuga o suor da testa e segue a colega com um monte de redes debaixo do braço.

— Contar até cinco e até seis sem parar. Se fores um *troll*, com uma bruxa vais casar.

Quando Emil acaba de contar, vira-se e olha em redor. Não vêivalma, mas caminha depressa pelo meio dos juncos ao longo da costa, desviando para a esquerda, até um sítio onde há pouco ouviu risinhos e sussurros. Uns passos mais à frente, encontra as primeiras meninas.

— Encontrei-vos! — grita, mas apressa-se a continuar, abrindo caminho pelos juncos altos, desta vez na direção do lago.

— Digam «cu-cu!»

No meio dos canaviais, os colegas de turma dizem «cu-cu!» e ele muda de direção, seguindo as vozes. Avista mais uma série de colegas de uma só vez.

— Encontrei-vos! Encontrei-vos! — diz, e depois encontra outro. — Já te vi!

Algumas crianças aborrecem-se e vão para o areal, cabisbaixas, mas Emil não perde tempo a regozijar-se. Ainda se sente constrangido por ter sido chamado cria de cuco. Continua sem perceber porque Mia disse

aquilo, mas sabe muito bem que as crias de cuço são uns seres desprezíveis que só pensam em si mesmos. A comparação com um provocador de barriga. Quanto mais Emil pensa no assunto, mais importante é para ele encontrar toda a gente e ganhar o jogo.

— Digam «cu-cu»! — repete, a plenos pulmões, e depois apressa-se a ir na direção das respostas. Agita os braços, empurrando para o lado caules rijos, e não tarda a encontrar mais colegas, que voltam para a base a arrastar os pés. — Digam «cu-cu»! — ordena, pensando em como é fixe ser um bom líder. Faz uma pequena paragem para tentar perceber quem ainda falta encontrar. Sabe que ainda faltam Anders, Ole e Mia, mas ninguém responde, e só consegue ouvir as próprias galochas a chafurdar na água do pântano e os estalidos que os juncos fazem ao roçar-lhe a roupa. Avança um pouco, mais devagar, ainda determinado a ganhar o jogo, e só pára quando já avançou bastante pelo terreno, chegando quase ao lago, onde não estão autorizados a ir. Aí sopra uma brisa. Os juncos agitam-se à sua volta, mas continua sem ver os colegas e, ali sozinho, Emil tem a sensação de estar a fazer uma triste figura. — Se não respondem, não tem piada — diz, bem alto. — Digam «cu-cu»!

A resposta é diferente das anteriores, mais real, quase como uma ave de verdade. E é surpreendentemente próxima, tão próxima que Emil se sobressalta. Vira-se e perscruta o aglomerado de juncos por onde acabou de passar.

— Anders? És tu? — pergunta, hesitante, mas no silêncio que se segue apenas ouve o vento a roçar pelos juncos. — Ei, Anders! Diz alguma coisa! — Emil sustém a respiração e escuta atentamente. — Sei que está aí alguém — diz, de novo em bom som, irrompendo pelos juncos mais próximos para ver qual dos colegas ali se esconde, mas não vê ninguém. Apenas mais juncos a agitarem-se lentamente ao vento.

É então que ouve de novo o chamamento, agora ainda mais perto. Emil sobressalta-se. Desta vez, o som vem dos juncos à sua frente. Emil dá um passo cuidadoso e estica o braço devagar para os empurrar para o lado, mas então a sua mão paralisa. Ocorre-lhe que o chamamento pode não ser um colega, que algum desconhecido ou alguma coisa podem fazer parte do jogo. Um monstro, talvez. Emil faz por não pensar nisso. Agora, é um menino crescido, de quase onze anos, e sabe que é uma

infantilidade pensar tais coisas. Está para dar mais um passo quando, de súbito, escuta com nitidez uma respiração pesada ali bem perto.

Hesitante, Emil olha para cima. Sob o sol bruxuleante, distingue um vulto alto do outro lado dos juncos à sua frente. Está muito quieto, como que à espera, e com a respiração pesada, quase como os cavalos no picadeiro na quinta lá em casa. Emil está colado ao chão. Consegue ouvir o próprio coração a bater. É como se agora tudo dependesse de conseguir ficar escondido sem respirar. Depois, vira-se para trás e corre o mais depressa que consegue na direção contrária.

Emil afasta os juncos e sente-os a moverem-se de volta contra a sua cara, e, embora já não saiba onde fica o areal, debate-se para não parar. As galochas parecem-lhe pesos de chumbo à medida que as puxa da lama uma e outra vez, cambaleando pateticamente enquanto a água escorre para encher as suas pegadas. Continua a custo sem saber para onde vai, ciente de que, se se atrever a olhar para trás nem que seja uma vez, o terror será o seu fim.

De repente, Emil fica com o pé preso na lama e cai para a frente sem ter tempo de esticar os braços e amparar a queda. Cai de cara na água pouco profunda. Por instantes, não consegue respirar e, depois de levantar a cabeça, em pânico, fica deitado no meio dos juncos, aterrorizado, à espera de ouvir passos ou uma respiração. Escorre-lhe água pelo queixo, mas, fora isso, está tudo calmo. De seguida, olha em redor com cuidado. Aos poucos, vai percebendo o que o fez cair e começa a gritar.

Começara a chover. Carros da polícia descaracterizados surgem junto ao limite do arvoredo. Nuvens escuras pairam no céu por cima do lago, e quando os três veículos chegam ao parque de estacionamento e estacionam ao lado das outras viaturas da polícia, Bjarke ouve trovões ao longe.

O passeio transformou-se num pesadelo. Há um helicóptero a voar em círculos por cima deles, enquanto equipas cinotécnicas varrem as margens do rio nas duas direções. À sua volta, no juncal, vê dezenas de agentes de farda a andarem de um lado para o outro com os olhares rigidamente fixos na água do pântano. Veem-se especialistas em investigação forense vestidos de branco no parque de estacionamento e no passadiço. Soturnamente, arrastam sacos e trocam palavras inaudíveis na chuva, enquanto outros colegas se posicionaram à volta de uma tenda branca

a alguma distância, no juncal, onde foram encontrados os restos mortais. Bjarke metera-se na água do pântano assim que ouvira o grito. No meio dos juncos, encontrara Emil caído na água, a esbracejar histericamente enquanto tentava libertar-se do tecido molhado onde o seu pé ficara preso. Mia e mais algumas das outras crianças que tinham lá chegado antes de Bjarke estavam de pé ao lado dele, em choque e em silêncio. Só depois é que Bjarke percebera no que Emil tinha o pé preso: um colete térmico vermelho encharcado. Começara a compreender aquilo para que as crianças olhavam fixamente. A boiar nas águas turvas havia um ténis branco, uns calções azuis e uma mochila escolar, e ao lado desses objetos despontava do lodo o rosto sem vida de um menino. As sardas estavam cinzentas, os cabelos ruivos desgrenhados estavam completamente encharcados e os olhos fitavam inexpressivamente o céu. Depois, para seu horror, Bjarke vira o braço despido de uma criança a projetar-se da água, após o que tentara, freneticamente, levar dali os seus alunos.

Bjarke sente-se capaz de vomitar de novo. Está de pé, à chuva, ao lado do autocarro, no canto do parque de estacionamento onde pararam há poucas horas e numa outra vida. A sensação de irrealidade é avassaladora, mas tem de se recompor e pensar nas crianças. Consegue lobrigar os seus rostos assustados e sombrios pelas janelas do autocarro, onde ainda estão agentes da polícia a interrogar as últimas crianças. Os polícias revezaram-se a fazer as mesmas perguntas a Emil e aos demais. «Como era o homem dos juncos? Tinha alguma característica peculiar? Em que direção seguiu?» Bjarke acha que as crianças já lhes disseram tudo o que sabem. Só quer levá-las para longe do lago, que será para sempre o sítio onde foi encontrado o cadáver de Daniel Stryger Hansen.

Quando, por fim, dizem a Bjarke que, para já, o interrogatório terminou e o último agente desce do autocarro, ele apressa-se a entrar. Emil está sentado na fila da frente, a tremer debaixo de um cobertor, enquanto Ann-Louise, com os olhos banhados de lágrimas, tenta pôr-lhe o cinto de segurança.

— A minha mochila, onde está a minha mochila?!

Várias outras crianças começam a procurar freneticamente debaixo dos bancos, e Bjarke lembra-se das mochilas que deixou no relvado no meio dos juncos. Ann-Louise continua ocupada a verificar os cintos de segurança de outras duas crianças, pelo que ele se apressa a descer

do autocarro e corre para o passadiço debaixo de chuva. De repente, lembra-se de que a polícia teve o cuidado de deixar bem claro que não deveriam regressar ao juncal enquanto toda a área não fosse devidamente investigada, mas agora estão a trabalhar ao lado da tenda branca, pelo que não há ninguém por perto a quem perguntar. Bjarke olha à sua volta antes de saltar para a água pouco profunda. Não demora a encontrar as mochilas todas encharcadas onde as deixara. Apressa-se a recolhê-las, mas, quando pega na sua, repara que o fecho de correr está aberto. Perplexo, espreita para o interior do compartimento principal e, para seu espanto, vê lá o seu canivete, aberto. Bjarke tira o canivete devagar. Tem a certeza de que o fechou antes de o voltar a guardar na mochila. Com cuidado, e uma sensação de inquietação na barriga, agarra a lâmina entre o indicador e o polegar para o fechar, quando percebe que está coberto de sangue. Aturdido, olha à sua volta e avista o ninho.

É o ninho no meio dos juncos que ele e as crianças estiveram a observar há poucas horas, violentamente despedaçado agora. Algo está a boiar na água por baixo dos destroços do ninho, mas Bjarke não consegue perceber o que é, e tem de se agachar para ver melhor. Percebe que são pedaços de carne. A cria de cuco foi cortada em pedacinhos. As finas patas cor-de-rosa, as asas e o pequeno corpo boiam na água do pântano ao lado do ovo e da cria de rouxinol-dos-caniços morta. A cabeça do cuco com os olhos salientes foi empalada num junco partido.

Pouco depois, Bjarke regressa ao autocarro. Pousa as mochilas empapadas no chão e deixa-se cair no seu lugar. Ann-Louise fecha a porta a partir do seu lugar ao volante e segue pelo caminho do bosque como se fossem perseguidos pelo diabo. Diz uma coisa ou outra, algo atencioso e tranquilizador, mas Bjarke não apreende as palavras. Olha pelo retrovisor, pasmado. As crianças estão todas nos seus lugares, algumas a chorar, algumas a olhar embasbacadas pelas janelas, outras de mãos dadas.

Há algo na descoberta da cria de cuco que deveria dizer em voz alta. Em pensamento, procura desesperadamente uma explicação e tem vislumbres de centenas de imagens dos acontecimentos do dia. Uma e outra vez, regressa à ideia de apenas poder ter sido uma das crianças a ver onde guardara o canivete, mas não consegue conceber que uma criança tivesse pegado no canivete e o tivesse usado para fazer o que acabara de ver.

Bjarke tenta recompor-se. Tem de haver outra explicação menos agourenta que se tornará evidente assim que conseguir ter algum distanciamento deste pesadelo. Aperta o cinto de segurança. A sua respiração começa, por fim, a voltar ao normal quando olha de novo pelo espelho retrovisor. Desta vez, repara no rosto impassível que mal consegue ver por cima dos encostos da última fila. Quando aqueles olhos brilhantes e reservados de súbito olham para os seus pelo espelho, é Bjarke quem se sente obrigado a desviar o olhar primeiro.

QUINTA-FEIRA,
13 DE FEVEREIRO DE 2025

Quando a composição chega à estação, Silje Thomsen sente a pressão dos corpos por detrás dela na carruagem de metro apinhada de gente. As portas abrem, e, com o coração a bater forte e a mão a agarrar o telemóvel com força, apressa-se a aprear-se. O aviso sonoro das portas mistura-se com o vozear dos passageiros e o assobio de uma composição a chegar ao outro lado da plataforma, e ela desloca-se lesta pelo meio da turba da hora de ponta sem olhar para trás. Se aquele doido ia na mesma composição que ela, não tenciona perder um segundo que seja. Abre caminho pelo meio das pessoas nas escadas rolantes e, quando assoma ao nível da rua, sente um alívio à medida que é absorvida pela penumbra do inverno, que a recebe com neve e granizo. Os faróis dos carros varrem a avenida suburbana e os pneus rompem a película gordurosa de neve derretida e lama enquanto ela corre para uma das paragens de autocarro do lado direito da praça. O autocarro que quer apanhar já está lá, por isso Silje estuga o passo, mas antes de lá chegar o autocarro arranca devagar. Pára, esbaforida. Antes de a sua frustração ter tempo de se esfumar, o telemóvel que tem na mão vibra, e, embora não tenha a menor dúvida de quem lhe liga, olha para o ecrã, horrorizada.

«Contar até cinco e contar até seis. Se a Silje chega viva a casa, só mais tarde sabereis.»

Esta mensagem enviada por um desconhecido deixa Silje a olhar fixamente para o mar de gente que a estação de metro despeja. Depois, vira-se para trás e caminha decidida para a estrada. Os carros travam e alguns derrapam na neve, buzinando, mas chega ao outro lado e corre freneticamente pela rua secundária mais próxima.

Só quando Silje chega ao atalho junto aos blocos de apartamentos é que se atreve a abrandar. Treme de agitação e frio, e percebe que os flocos de neve que rodopiam à sua volta a deixaram completamente encharcada. Ficam presos ao seu cabelo sempre que se vira para trás. O telemóvel vibra.

«Contar até sete, depois oito e nove. A Silje é uma galdéria e é o sexo que a move.»

Caminha depressa pelo caminho pedonal como tantas vezes fez de mão dada com a filha, mas, quando passa pelo último bloco e chega à rua residencial debaixo de um manto de neve, ainda não se sente em segurança. As casas por detrás das sebes e das cercas de estacas parecem acolhedoras, com as luzes douradas das janelas a iluminar a neve no exterior, mas ela corre pela calçada, tomada pelo pânico, até chegar à vedação e ao portão de jardim com o letreiro a dizer «vende-se» preso ao poste. Abre o portão e, ao caminhar pelo caminho de acesso que leva até à sua casa, sente o telemóvel a vibrar de novo.

«Contar para a frente e contar para trás. Quando te apanhar, puta, será o teu fim, morrerás.»

Silje procura atabalhoadamente as chaves. Nas suas costas, consegue sentir a escuridão do jardim a fechar-se sobre ela, mas lá consegue abrir a porta da frente e entra de rompante para o corredor. Bate a porta com força e tem o cuidado de a trancar. Ali, a penumbra parece-lhe tranquilizadora, pelo que não acende as luzes. Passa defronte do quarto da filha, que está deserto, e avança para a cozinha sem se dar ao trabalho de despir o casaco ou descalçar os sapatos encharcados.

Utilizando a lanterna do telemóvel, remexe freneticamente na baranda do armário da cozinha e, depois de despejar um amontoado de objetos em cima da mesa, encontra a embalagem de cartões SIM novos. Rasga o celofane, tira um cartão novo e verifica se guardou os contactos no dispositivo. Assim que insere o cartão SIM, sente uma imediata sensação de alívio. Liga o telemóvel de novo e, caminhando depressa pela casa, procura o número da filha.

«Olá, querida. Está tudo bem. Este é o meu número a partir de agora. Até breve. Beijos da mamá ☺»

Ofegante e alerta, posiciona-se a um canto junto da janela da grande sala escura e espreita pelas venezianas abertas. O jardim da frente e os arbustos e árvores de que em tempos adorou cuidar encontram-se agora cobertos de neve, enquanto na rua consegue ver os flocos de neve a vultear desde o céu e a serem soprados pelo vento sob o brilho dos candeeiros de rua. O espetáculo quase a acalma, mas depois entrevê um vulto. Consegue vê-lo através das frinchas na vedação, a caminhar

devagar, a sondar, e ela sustém a respiração e prepara-se para ligar à polícia. Mas depois de o vulto avançar um pouco mais, consegue ver pela abertura no fundo da vedação que há um pequeno cão preso por uma trela, com neve amontoada nas patas, enquanto caminha penosamente com uma velha a reboque.

Silje dá uma sonora gargalhada no escuro. Sente-se aliviada e um pouco envergonhada, uma mulher adulta a esconder-se como uma criança pequena. Diz para consigo que tem de se controlar e que, a partir de amanhã, tem de pôr em prática a ideia de encontrar um novo lugar seguro onde possam começar de novo, ainda que não tenha dinheiro. Então, o telemóvel vibra e ela ergue-o para responder à filha.

«Apanhei-te.»

Aquela pequena palavra no ecrã brilha no escuro e paralisa-a. O medo regressa de imediato, mas desta vez numa mescla de aturdimento. Só começou a utilizar o novo número há minutos, e não há forma de outra pessoa, a não ser a filha, o saber. Depois pensa que, no meio do pânico, deve ter voltado a inserir o mesmo cartão SIM no telemóvel.

Regressa à cozinha, revira o monte de objetos em cima da mesa. Sabe exatamente onde pôs a embalagem de cartões SIM e passa o feixe da lanterna do telemóvel pelo tampo da mesa e pelo chão. A embalagem não está ali. Começa a vasculhar a gaveta de novo, e de cada vez que, em vão, empurra para o lado um objeto, ocorre-lhe o mesmo pensamento. O número de telefone do novo SIM estava indicado na embalagem, e, se a embalagem já não está em cima da mesa — onde ela a deixou —, tem de haver uma explicação. Mas a porta da frente estava trancada quando chegou a casa, as janelas estavam bem fechadas, e continua a repetir isto para si até que o telemóvel vibra de novo e a assusta.

Desta vez, não há palavras, apenas uma fotografia indistinta. Com as lágrimas a escorrer pela cara, diz a si mesma que não é obrigada a tocar na imagem para a ampliar, mas fá-lo na mesma.

No início, não percebe o que é. Depois distingue uma sala escura com a silhueta de uma mulher. Tem um casaco vestido e está de pé junto a uma janela, a espreitar pelas venezianas. Por entre as lâminas, que a mulher afasta com uma mão, veem-se flocos de neve sob a luz difusa

de um candeeiro de rua. É então que Silje percebe que a mulher da fotografia é ela. Horrorizada, vira-se para a porta da sala e, de repente, algo no escuro ganha vida.

SEXTA-FEIRA,
14 DE FEVEREIRO DE 2025

Naia Thulin é obrigada a sorrir. A voz de Bjørn é quente e, com o seu chapéu de pelo novinho em folha, a barba de vários dias e a neve como pano de fundo, ele parece um selvagem do Ártico. No seu entusiasmo para lhe dizer pelo FaceTime como os desportos de inverno são maravilhosos, quase dá um encontrão a outro transeunte no passeio pelo qual vai a caminhar no centro de Copenhaga. Quanto a Thulin, está a sair do elevador no primeiro andar do local onde trabalha, o NC3.

Thulin não costuma sorrir àquela hora do dia, e nada fazia prever que viria fazê-lo quando, cerca de quarenta e cinco minutos antes, entrou para o carro e arrancou para o emprego pela neve. Primeiro, na rádio, o boletim noticioso da hora deleitara-se com o facto de hoje ser o dia em que o Ministério da Justiça tomaria uma decisão sobre o recurso apresentado pela família de Caroline Holst relativamente à investigação. Há mais de dois anos que se dera o homicídio da rapariga de dezanove anos que frequentava o último ano na secundária em Hvidovre, e o caso continua por deslindar. A decisão iminente dera ao locutor da rádio motivos para, uma vez mais, desenterrar um monte de pormenores sórdidos relacionados com o crime. Depois do boletim noticioso, os dois apresentadores tinham optado por se concentrarem no facto de ser dia 14 de fevereiro, ou seja, Dia de São Valentim. Só quando os locutores abriram as bocarras é que Thulin ficara a saber disso. Tinham palrado sobre a procura pela «cara-metade» e a coisa tornara-se insuportável quando instaram os ouvintes a ligar e a partilhar as suas histórias sobre os seus próprios encontros com aquele grande amor. Quando Thulin chegou ao parque de estacionamento, estava quase a telefonar para sugerir que aquele dia de festa em particular fosse banido para sempre, mas depois a imagem de Bjørn no telemóvel fê-la esquecer as suas objeções àquelas tretas românticas.

Bjørn volta a aparecer no centro do ecrã e, embora Thulin não queira interromper a conversa, recorda que tem de se apressar se não quer chegar atrasada à reunião.

— Mas queres que leve algo em particular?

— Só a boa disposição. Vai ser de arromba.

Thulin chega às primeiras portas de vidro que dão para o seu departamento e passa o cartão pelo leitor. Só ficara a saber dois dias antes que a viagem para praticar desportos de inverno em Isaberg na Suécia destinada à turma da sua filha Le estava marcada para o próximo fim de semana. Depois do trabalho, passara por casa de Bjørn, como fazia tantas vezes, e fora recebida por um Bjørn estupefacto, que acabara de receber a lista de participantes e lhe perguntara por que motivo ela e Le não se tinham inscrito. Thulin fizera asneira. Em parte, porque não se inscrevera dentro do prazo através da aplicação dos pais e, em parte, porque fora Thulin quem sugerira a Bjørn que fizessem a viagem juntos, apesar de saber que era uma viagem para os pais e os filhos.

Bjørn dispusera-se de imediato a tentar saber se Le e Thulin ainda se poderiam inscrever, mas até ao telefonema dele de há poucos minutos ela não sabia se a residencial sueca teria mais quartos disponíveis. Apenas agora ocorre a Thulin que o equipamento de esqui custa uma fortuna.

— Se não tens equipamento nenhum, deixa-me ver o que tenho aqui guardado das minhas filhas.

— Vou já ver. E tens a certeza de que posso ir?

— É claro que sim. É uma regra ridícula que apenas os pais possam ir nestas viagens.

Bjørn exhibe um sorriso malandro para a câmara e Thulin ri-se. Esse fora um dos argumentos de Le para se esquivar. Nas próprias palavras de Le, não tinha pai, pelo que achava que a viagem não fazia sentido para ela. Thulin discordara completamente da filha.

— Obrigada — diz, e está a ser sincera.

— É em meu próprio proveito. Mandamos as crianças para a neve e depois esgueiramo-nos até um sítio onde possamos relaxar. Vemo-nos no autocarro?

Thulin sorriu e assentiu com a cabeça antes de desligar com relutância. Chega às portas de vidro seguintes e, depois de passar de novo o cartão de acesso pelo leitor, entra para o departamento. A entrada nas instalações foi uma das poucas coisas em que teve dificuldade desde que entrou para a Unidade Nacional de Combate ao Cibercrime na qualidade de inspetora há pouco mais de um ano. Popularmente conhecido por NC3, o departamento

integra a Unidade Nacional de Combate a Crimes Especiais, sediada num parque industrial em Glostrup, nos arrabaldes de Copenhaga, e é recomendável ter sempre o cartão de acesso quando se está nas instalações. Neste preciso momento, as inúmeras passagens de segurança não a incomodam, e dedica o resto do caminho a pensar no momento em que terminará o trabalho para regressar a casa e fazer as malas.

Se, há três ou quatro meses, alguém dissesse a Thulin que estaria alegremente envolvida com um pai divorciado da escola de Le, teria rido na cara dessa pessoa. Para começar, uma relação com essas características ter-lhe-ia parecido tão aliciante como ir à assembleia geral anual da cooperativa de habitação. Além disso, ainda sofria de um desgosto amoroso como nunca sofrera.

Outubro arrastara-se com uma melancolia deprimente, e ela tentara concentrar-se em proporcionar a melhor vida possível a Le. Certa noite, depois de Le ir para a cama, Thulin, numa tentativa desesperada de se recompor e seguir em frente, atualizara o perfil no Tinder para ver o que havia disponível no mercado. Fora ainda mais tenebroso do que se lembrava, mas de entre o interminável desfile de potenciais namorados fotografados com os peitorais protuberantes, carros desportivos e bicicletas de carbono, surgira o rosto de Bjørn. Ela vira-o por vezes na escola com os outros pais, e naturalmente deslizara para a esquerda a imagem dos seus quarenta e quatro anos e daquela aparência meio arrogante que diz «sei que sou bonito» que ela pensou conseguir vislumbrar nos seus olhos um pouco atraentes demais. Tal como deslizara para a esquerda todos os outros.

Cerca de uma semana depois, o homem passara pela entrada principal do parque de *skate* de Copenhaga, completamente encharcado. Ela estava lá com os outros pais a passar o tempo no telemóvel enquanto esperava que o treino de Le terminasse. Bjørn cumprimentara-a com um amistoso aceno de cabeça. Como o único lugar livre era no banco dela, vira-se forçada a dizer sim quando ele perguntara se podia sentar-se, e ele não demorara a entabular conversa, perguntando de quem ela era mãe. Embora Thulin não estivesse com disposição para falar fosse com quem fosse, Bjørn tinha algo de irresistível. Era invejavelmente descontraído, aparentemente descomplicado e sincero, e a arrogância que lhe parecera ter visto no Tinder afinal era um sinal de que era

alguém equilibrado. Dissera-lhe ser o pai de Valdemar — o rapaz também obcecado por andar em cima de uma prancha com rodas a fazer um estardalhaço — e explicara que assumira as idas ao parque de *skate* enquanto a ex-mulher acompanhava as outras filhas às aulas de hipismo. Entretanto, Thulin falara sobre as suas próprias experiências com Le, que não era a melhor aluna, mas que fazia maravilhas em cima do *skate*, pintava *graffiti* e tinha o desejo completamente descabido de frequentar um colégio interno depois das férias de verão. Bjørn sabia tudo sobre adolescentes petulantes pois Valdemar tinha duas irmãs mais velhas, e a sua postura despreocupada fora um bálsamo para o estado de espírito de Thulin. Quando se levantara para ir embora, virara-se para trás e dissera — com um bonito brilhoso nos olhos — que passara a imagem dela para a direita, mas que não guardava ressentimento, e Thulin não conseguira esconder um sorriso.

Dissera a si mesma que não estava interessada em ninguém, e certamente não nele, mas depois disso passara a ansiar pelo momento em que tinha de ir buscar Le ao parque de *skate*. As conversas no banco tornaram-se cada vez mais demoradas até que ele, por fim, convidou-a para jantar. No início, Thulin aceitara o convite, mas depois enviara uma mensagem duas horas mais tarde a dizer que surgira um imprevisto; porém, depois pensara melhor e dissera que, afinal de contas, iria. Decidira de antemão que não iria para a cama com ele, mas rira-se e sentira-se descontraída sentada à acolhedora mesa da cozinha dele, e acabou por acontecer, na verdade muito por iniciativa dela.

Para Bjørn, aparentemente fora simples. Dissera-lhe que há muito que estava completamente caidinho por ela, e, embora Thulin não sentisse o mesmo desde o início, era fantástico que ele fosse tão franco e descomplicado.

Encontraram-se principalmente na casa dele na cidade, numa das pequenas ruas estreitas a um pulo do bairro Carlsberg em Vesterbro, e não seria preciso propriamente um entendido em imobiliário para perceber que o emprego de Bjørn como executivo numa importante empresa de telecomunicações era sinal de que tinha uma vida acima da média. Felizmente, não era algo de que Bjørn ou a casa fizessem alarde. O próprio Bjørn emanava uma energia relaxada, e a casa ostentava um charme de estilo nova-iorquino imperfeito. Mas claro que não podia

faltar um par de poltronas Arne Jacobsen, que deveriam ter custado mais do que Thulin ganhava num ano. Thulin sentira-se seduzida aos poucos pelo facto de Bjørn ser um homem criativo, desarrumado e extrovertido que não conseguia guardar para si ideias e sugestões durante mais de dois minutos, no máximo. Já para não falar das extremamente viciantes qualidades de bom amante e incrível cozinheiro.

Não obstante, Thulin insistira em manter para já a relação em sigilo, sobretudo porque a sua amarga experiência lhe dizia para não envolver Le, para o caso de a relação não durar. Contudo, à medida que se encontrara mais e mais com Bjørn, isso passara a ser estranho, já para não dizer impraticável. Da parte dele, não houvera reservas, e, ao fim de dois meses e após mais uma doce declaração de amor, chegou mesmo ao ponto de dizer que estava preparado para ir viver com ela. Thulin sentira-se assoberbada. Isso estava evidentemente fora de questão, mas não conseguia escapar ao que sentia por ele, e as suas palavras deram-lhe coragem para despir o manto do secretismo. Quando deu a notícia bombástica a Le, percebeu que a filha já descobrira a relação há uma eternidade e aceitara-a com desinteresse. Valdemar andava na outra turma do mesmo ano de Le, e ela não o conhecia assim muito bem. Para Le, tanto quanto Thulin conseguira perceber, desde que a sua relação não interferisse na vida dela, era-lhe completamente indiferente. Porém, fora uma verdadeira punhalada no coração de Thulin quando, um dia na escola, percebera que a filha não se dera ao trabalho de cumprimentar Bjørn de forma adequada, apesar de ter sido muito compreensiva. Thulin ficara deveras incomodada. Aquilo significava que Le não se sentia assim tão indiferente em relação à situação, apesar de tentar parecer desinteressada. Bjørn lembrara-lhe que a vida de uma rapariga de doze anos já era suficientemente complicada, e dissera-lhe que Thulin não podia recriminar Le por se retrair. Como tal, encarara a viagem à Suécia para esquiar como uma bem-vinda oportunidade para ela e a filha se aproximarem de Bjørn e de Valdemar de uma forma natural. Le protestara, pois tinha uma prova de *skate*, e na noite anterior batera a porta com força perante a ideia de, em vez disso, ir esquiar. Aksel, o avô emprestado de Le, que fora lá a casa ajudar a calafetar as janelas da cozinha, tomara naturalmente o partido dela e relembrou a Thulin como ela era quando tinha aquela idade.

— Completamente impossível. E não admira que a menina esteja a passar um mau bocado depois da confusão entre ti e aquele marreta no outono.

Thulin não quer relembrar o outono nem «o marreta». Além disso, Aksel — o polícia aposentado que faz parte da sua vida desde que ela tinha a idade de Le — deveria abster-se de comentar a vida amorosa dela. Quando Thulin segue pelo corredor e envia uma mensagem a informar Le de que a viagem para esqui está confirmada, percebe o quanto espera que seja um sucesso e contribua para a união dos quatro. É uma sensação inusitada, e, estranhamente, está ansiosa, apesar de ser uma viagem de autocarro com crianças barulhentas e pais tagarelas.

— Vamos fazer uma busca. Alguém foi dado como desaparecido. Saímos dentro de cinco minutos — diz Raheem quando ela passa por ele. Raheem é o seu colega habitual no NC3, mas Thulin continua a caminhar apressadamente.

— Tenho uma reunião com o Krause, não demoro — diz enquanto se dirige para o gabinete de Krause, que fica ao fundo do corredor.

Krause é o líder da força especial dedicada a investigações relacionadas com perseguições na Internet e crimes sexuais *online*. Trata-se de uma área em franco crescimento desde que começou a trabalhar ali. Assistiram a um aumento das participações à polícia e dos casos como repercussão da pandemia. Depois houve outra vaga de #MeToo, a guerra na Ucrânia e a recessão económica, sendo que nada disso diminuíra o número de agressores sexuais e guerreiros dos teclados. Pelo contrário, o bombardeamento está a aumentar com acessos ilegais e ataques de *ransomware* cada vez mais frequentes, e Thulin e os seus colegas têm muito com que se entreter. Por outro lado, ela tem o seu próprio gabinete, um horário de trabalho fixo e não tem de receber telefonemas do comandante a meio da noite. Além disso, é bom estar livre de chamadas de emergência, de locais de crimes sangrentos e da consciência sempre pesada em relação a Le.

— Ah, estás aí! Entra — diz Krause depois de ela bater à porta aberta do gabinete dele.

— Desculpa o atraso — pede Thulin, mas não está a ser sincera.

— Não faz mal. Senta-te.

— Isto não pode esperar? O Raheem diz que temos uma saída e tenho um monte de papelada para tratar.

A preocupação de Thulin com a saída com Raheem não é propriamente genuína. Ela está mais interessada em ir para o seu gabinete pesquisar equipamento de desportos de inverno na Vinted.

— Isto não demora.

Relutante, Thulin senta-se à frente da enorme secretária enquanto Krause continua sentado na cadeira de couro do outro lado.

— Como vão as coisas? — pergunta, fitando-a atentamente, com um resquício de algo que pode, remotamente, ser interesse.

Thulin não se lembra de Krause alguma vez perguntar algo parecido. É um pouco mais velho do que ela, um homem dotado em termos técnicos, com amplos conhecimentos sobre todos os tipos de criminalidade digital, mas que não tira qualquer partido dos cursos de RH para os quais as chefias insistem em mandá-lo.

— Bem, obrigada.

Por instantes, pensa em se ele estará à espera de que lhe pergunte o mesmo, mas Krause fica-se por um aceno de satisfação com a cabeça.

— Gosto muito de te ter aqui no departamento. Sei que as tuas competências podiam ser aplicadas em muitos outros sítios, mas quero que saibas que tenho grandes ambições para o NC3. Duzentos colaboradores dificilmente são um baluarte contra o cibercrime, mas esperamos duplicar esse número durante o próximo ano. Infelizmente, também haverá reestruturações noutros departamentos. Por exemplo, as chefias estão muito confiantes na renovação da Unidade Um e estão atualmente a ir buscar recursos a outros departamentos, o que infelizmente gera concorrência.

— Oh, meu Deus — diz Thulin, tentando mostrar empatia.

— Sim, é uma chaticice.

Krause prossegue com a descrição do problema, e Thulin continua sem perceber aonde ele quer chegar. Todas as chefias da polícia competem com outros departamentos, e o regresso da Unidade Um, a unidade de elite responsável pela investigação de homicídios a nível nacional, é a tática mais recente para causar arrepios na espinha do pessoal responsável pela logística; o grupo de elite atrai muitas atenções. Thulin não sabe se a recuperação da unidade é boa ou má ideia. Desde que se lembra, tem tido uma relação complicada com essa vertente da polícia dinamarquesa, por motivos muito particulares.

— Adiante, para ir direto ao assunto, tenho a obrigação de te informar de que me abordaram por tua causa — diz Krause, interrompendo as reflexões sobre política policial. — A Unidade Um quer que integres a sua unidade de homicídios como inspetora e eu quero saber qual é a tua opinião.

Thulin olha para Krause. Ouviu o que ele disse, mas é tão inesperado que, por instantes, apenas fica ali sentada a olhar para ele. Por um lado, já decidiu que não quer voltar a trabalhar em homicídios. Por outro, é como perguntar a alguém que acabou de ser retirado do meio de um incêndio com queimaduras de 3.º grau se quer ser bombeiro.

— A Unidade Um abordou-te porque me querem como inspetora? — repete, certificando-se de que percebeu bem.

— Sim — diz Krause, soturnamente. — Infelizmente, compreendo bem a perspectiva deles, tal como compreenderei caso aceites. É claro que, no que depender de mim, não vais, mas nem é preciso dizer que te elogiei e...

— Não estou interessada.

Krause interrompe-se e olha para ela.

— Não estás interessada?

Thulin sente a tentação de reforçar a resposta com um «não, porra», mas decide pôr-se apenas de pé.

— Mais alguma coisa?

— Thulin, duvido que voltem a perguntar.

— Nem o devem fazer.

Krause levanta-se e diz qualquer coisa sobre ficar muito grato. Thulin já está à porta, mas, enquanto caminha apressada pelo corredor, resolve ligar a Bjørn e aceitar a oferta dele de lhe emprestar qualquer equipamento de esquí que possa ter guardado.

Um dos apelidos na caixa de correio à porta da casa na tranquila rua residencial em Vanløse foi rasurado. O letreiro a dizer «vende-se» está ligeiramente torto na coluna do portão do jardim, enquanto do outro lado da vedação de ripas se encontra uma moradia isolada de tijolos vermelhos da primeira metade do século xx, encastoadada entre duas enormes casas de campo aristocráticas, como um dente partido. Uma das casas vizinhas encontra-se oculta por andaimes e encerados, e, por trás da casa, eleva-se um sombrio aglomerado de enormes blocos de apartamentos. Porém, da perspectiva de Thulin, sentada ao volante do carro, a propriedade parece idílica graças ao manto de neve acabado de cair, que cobre pitorescamente a vedação, as árvores e os arbustos por trás.

— Mas porque não estás interessada? — pergunta Raheem no banco do passageiro, lançando a Thulin um olhar curioso por cima dos óculos de sol. Thulin estacionou atrás do solitário carro-patrolha parado à porta da morada que Raheem lhe deu. — Praticamente qualquer pessoa largaria tudo se fosse convidada.

— Bem, qualquer pessoa pode sempre candidatar-se ao posto, não pode?

— O recrutamento é uma loucura e tu sabes muito bem disso — diz, desapertando o cinto de segurança. — A Unidade Um tem os homicídios mais importantes e dispõe de imensos recursos, e, quando aceitam um caso, não desistem.

Thulin desliga o motor e a neve começa a cobrir de imediato o limpa pára-brisas. Apenas um momento antes, o sol brilhava, mas agora a primavera parece de novo muito distante.

Thulin presume que Raheem esteja na casa dos trinta. Vive num apartamento de duas assoalhadas na região noroeste de Copenhaga, usa um brinco, tem tatuagens no pescoço e já foi um *hacker*. Tem apenas uma condenação no cadastro — por piratear um filme quando era

adolescente —, mas Thulin não duvida que isso seja apenas a ponta do icebergue. Raheem, por seu turno, é exímio a evitar referências a eventuais «áreas turvas», como lhes chama. Em termos formais, o seu interesse na informática começou com um cargo de administrador de sistemas numa empresa internacional de jogos para computador. Mais tarde, depois de se envolver em várias áreas turvas e de se libertar delas, ganhou a vida a trabalhar como especialista em segurança ofensiva, colaborando com pequenas e grandes empresas que o contratavam para testar se os respetivos sistemas de segurança estavam à altura dos desafios. Em paralelo com esta atividade, vencera o concurso de recrutamento Capturar a Bandeira do NC3 por dois anos consecutivos, e com tempos recorde. Corriam rumores de que seriam apenas essas áreas turvas que o impediam de colaborar de forma imediata e permanente com a polícia. Ao contrário de Thulin, Raheem não frequentou a Academia de Polícia, o que lhe dá uma vantagem em termos de raciocínio «fora da caixa», e ele é de longe o melhor especialista em TI com quem ela trabalhou. Além disso, é boa companhia e muito popular — sobretudo entre agentes do sexo feminino —, mas neste momento Thulin arrepende-se de lhe ter dito o verdadeiro motivo por que Krause quisera falar com ela.

— Tenho uma filha de doze anos. Quando chega a hora de ir para casa, gosto de deixar o trabalho lá fora — diz, enfaticamente, lembrando-se de ir ao porta-luvas buscar luvas de látex para os dois.

— Não acredito em ti. Vais aceitar.

— O meu pai foi inspetor na antiga Unidade Um, por isso, não, não vou aceitar.

Thulin sai do carro e bate a porta. Perscruta o céu cinzento e estremece ligeiramente, mas quando o rosto espantado de Raheem aparece do outro lado do carro, ela percebe que não vai conseguir escapar sem dar uma explicação.

— Ele passava muito tempo fora e, quando estava em casa, era como se não estivesse. No fim, foi um ataque cardíaco que o levou. Por isso, obrigada, mas dispenso. — Thulin atravessa a rua, decidida, caminhando para a vedação enquanto semicerra os olhos por causa dos flocos de neve.

— Lamento — diz Raheem ao chegar ao pé dela junto do portão, e Thulin percebe que é sincero.

— Foi há muito tempo — diz Thulin, menosprezando o sucedido, embora nem sempre sinta o mesmo. Abre o portão e incita-o a passar. — Anda, vamos despachar isto para regressarmos à base o mais depressa possível.

— Mas está tudo bem se vais continuar por cá — diz Raheem com a sua voz mais inocente. — Seria uma pena se eu nunca viesse a saber como é que as coisas correm quando se vai a um encontro de Dia dos Namorados numa viagem de pais.

— Não é um encontro, seu palerma. É uma viagem para fazer esqui com a minha filha.

— Pois, sim, claro — diz ele, assentindo com um sorriso.

Ao percorrer o caminho do jardim, Thulin percebe que a aparência simpática da casa quando vista da rua se perde à medida que se aproxima. Há sinais visíveis de degradação nas paredes, e as janelas, os canos de algerozes e a chaminé evidenciam sinais da passagem do tempo. Este estado de desolação é reforçado pelos poucos tufo de erva comprida e amarelada que espreitam da neve no jardim da frente, por um trampolim rasgado e por um enorme escorrega de plástico, mais duas bicicletas enferrujadas encostadas à parede no lugar para o carro vazio. Quando olha para a casa vizinha por cima da vedação, vê janelas individuais por entre as frinchas nos encerados agitados pelo vento, mas fora isso o jardim da frente parece imaculado.

As vozes vindas do interior da casa de tijolos vermelhos chamam a atenção de Thulin quando alcançam os degraus de pedra, flanqueados por dois vasos cobertos de neve. Pela porta da frente, entreaberta, consegue ver dois agentes fardados, de pé, num corredor que dá para uma porta que se abre para uma cozinha onde conversam com um homem de fato. O homem aparenta estar na casa dos quarenta e parece angustiado. Se Thulin ainda ocupasse o cargo anterior, seria ela a ter esta conversa, e não inveja nada os colegas. Um dos agentes, um homem mais velho de faces coradas, vê que ela e Raheem chegaram e apressa-se a sair para o degrau da frente, fechando a porta com cuidado.

— A mulher que desapareceu é uma auxiliar administrativa de quarenta e um anos chamada Silje Thomsen. O ex-marido veio cá ontem à noite pelas vinte horas, como tinham combinado, para deixar ficar a filha, mas, como ninguém abriu a porta, eles entraram com a chave da

filha e deram com a casa deserta. Aconteceu o mesmo hoje de manhã, e foi aí que o ex-marido participou o seu desaparecimento. Não conseguimos encontrar ninguém que saiba onde possa estar, e os últimos sinais de vida foram por volta das cinco e meia da tarde de ontem, quando enviou uma mensagem de texto à filha através do seu novo número de telefone. Mais tarde, a rapariga ligou à mãe para esse número, mas ninguém atendeu, e agora parece que o telemóvel está desligado.

— Quer dizer que não encontraram o telemóvel? — pergunta Raheem.

— Não, mas há vários computadores em casa. O ex-marido não sabe nenhuma palavra-passe nem nada desse género porque, ao que parece, estão em processo de divórcio há seis meses e dá a entender que há ressentimentos, na melhor das hipóteses. Mas podem ver se conseguem descobrir algo no equipamento eletrónico que nos diga para onde foi.

O agente desvia-se para o lado, abre a porta e faz sinal para entrarem.

— Mas está dizer que ela pode estar desaparecida desde ontem à noite?

É Thulin quem faz a pergunta; enquanto estava ali de pé ao frio, de súbito teve um pressentimento incómodo.

— Sim, e a filha está preocupada. Ao que parece, há já algum tempo que a mãe estava de baixa, com *stress*, e até o ex admite que nem parece dela estar fora de casa quando devia estar à espera da filha.

— O que dizia a mensagem que enviou à filha, para a rapariga estar tão preocupada? — diz Thulin.

— Dizia algo como «Este é o meu número, querida, beijos da mamã». Nada de especial.

— Era isso que dizia?

— Era.

— Então, de quem foi a ideia de nos chamar?

Tanto o agente como Raheem empertigam-se um pouco e olham para Thulin, espantados, mas não é a primeira vez que ela encontra um agente de farda que pensa que chamar o NC3 é a forma mais fácil de resolver um caso de pessoa desaparecida, e não consegue conter a frustração.

— O NC3 não se encarrega de casos de desaparecimentos. Apenas os aceitamos se houver suspeita de crime. Vocês têm os vossos próprios

técnicos de informática que deveriam tratar disto. Caso contrário, não faríamos outra coisa senão andar por aí à procura de pessoas que não regressaram a casa.

— Está bem, acho que tem razão, mas os nossos técnicos estavam noutra missão, por isso...

— Quem deu luz verde para o NC3 vir aqui?

— Fui eu.

Thulin vira-se para Raheem, que estremece ligeiramente.

— Disseram que um dos computadores está ligado, o que significa que, de facto, compete-nos dar uma olhadela.

— E de certeza que já verificaram se conseguem localizar o GPS do carro da mulher? — indaga Thulin, impassível, fazendo sinal para o lugar do carro vazio.

— Ela não tem carro. O marido ficou com o carro e ela com a casa, até ser vendida — diz o agente, timidamente, tentando compensar com um sorriso apoloético.

Thulin já percebeu que o seu tempo seria mais bem empregado na montanha de papéis que tem na secretária. Caminha para a porta da frente sacudindo a neve do corpo e lança um olhar irritado a Raheem.

— Vamos lá tratar disto. Vais averiguar o primeiro andar e, se houver cave, também vais lá ver.

Thulin continua irritada quando calça as proteções de sapatos de plástico azuis e entra para a enorme sala a um canto. A sala encontra-se à meia-luz porque as venezianas das janelas viradas para a rua estão baixadas, mas, sob a luminosidade que entra pelas frinchas entre as lâminas, consegue ver o suficiente para perceber que o interior da casa se encontra no mesmo estado negligenciado do exterior. Outrora, pode ter sido uma sala de estar convidativa com uma simetria cuidadosamente pensada, um estilo retirado de revistas de *design* de interiores, mas atualmente é uma casa num estado de desintegração. Há marcas no chão de madeira que indicam o lugar onde antes estiveram peças de mobiliário. Numa das decrépitas paredes cinzentas, vê-se uma fila de parafusos com as cabeças no ar, sem um propósito, enquanto pósteres coloridos emulduados, agora desalojados, aguardam numa caixa de mudanças no chão por baixo. Entre os restantes objetos na sala, encontra-se uma enorme *chaise longue*, um tapete felpudo púrpura, uma mesinha de apoio de vidro, uma televisão de ecrã plano, uma enorme estante *Montana*, com as prateleiras meio vazias, e uma escrivaninha branca com uma modesta coleção de fotografias de família em pequenas molduras, das quais metade estão vazias. Em cima da mesinha de apoio, há uma pasta de documentos em cartão com os dizeres «documentação do divórcio» ao lado de um prato cheio de pedaços de comida ressequida e um copo com manchas de vinho tinto, que, a julgar pelo cheiro, parece estar ali há já algum tempo.

Thulin calça as luvas de látex e mete mãos à obra. Não é que espere que as impressões digitais sejam importantes neste caso, mas é obrigatório usar luvas ao analisar computadores, *iPads* e quaisquer outros dispositivos eletrónicos que encontrem e possam ser desbloqueados, podendo, eventualmente, revelar algo sobre o proprietário. Quando anda pela sala e se prepara para examinar o conteúdo das gavetas da escrivaninha, ouve uma voz de homem frustrada (presumivelmente o ex-marido) através da porta da cozinha a responder a perguntas dos agentes.

— Não, não faço ideia de onde possa estar nem com quem, onde dorme ou o que está a tramar. O que sei é que vou chegar tarde ao trabalho porque estou aqui retido!

— Quando foi a última vez que falaram?

— Não nos falamos. Temos um acordo e foi *ela* quem quis que viesse trazer a nossa filha na quinta-feira, e depois não apareceu!

As vozes na cozinha continuam presas nesse circuito fechado, e, assim que Thulin termina as averiguações na sala de estar, sai para o corredor, onde a primeira porta dá para um quarto. As venezianas também aí estão baixadas. Pousado em cima da cama de casal por fazer que só tem um edredão em cima, encontra um computador portátil aberto com um pedaço de fita-cola de cor colado na *webcam*. Thulin coloca-a num saco de plástico transparente e mete-o debaixo do braço, enquanto passa os olhos pelo quarto. No chão, há uma caneca de café meio cheia, e, pousados na mesa de cabeceira, estão dois livros de autoajuda contra o *stress* e a ansiedade. Ao verificar a gaveta da mesa de cabeceira, Thulin encontra uma pequena faca de cozinha e uma lata de gás-pimenta, daquelas que se vendem na Internet. Hesita por instantes e depois começa de imediato a especular sobre os motivos que levaram a desaparecida a ter aqueles objetos na mesa de cabeceira, mas afasta esses pensamentos logo de seguida, pois já não fazem parte do seu trabalho. Assim que acaba de examinar o guarda-fatos na parede oposta, vai à casa de banho, onde não há nada para ver além de dois frascos de soporíferos e uns medicamentos psicoativos contra a ansiedade. Depois da casa de banho, regressa ao estreito corredor, onde há mais três portas abertas. A primeira dá para um quarto onde não há qualquer móvel. A seguinte dá para o que parece ser um quarto de arrumos. As cortinas estão fechadas e no chão há uma tábua de engomar, um estendal, um velho colchão e mais algumas caixas. A última porta dá para um quarto de criança, bonito e airoso, e talvez a única divisão da casa que parece de facto habitada, com a cama feita, uma secretária branca e um guarda-roupa com um espelho na porta. Há um par de patins pendurados num gancho na parede entre dois pósteres de jogadoras de andebol cujos nomes Thulin não conhece. O meticoloso sentido de organização relembra Thulin de que o quarto de Le precisa de uma arrumação. O quarto dela parece não ser arrumado há meses.

Thulin regressa ao corredor e olha por instantes pela janela ao lado da porta dos fundos. Tal como o jardim da frente, o das traseiras é cercado por uma vedação de ripas coberta de vegetação, e a recente camada de neve está imaculada. Thulin repara que a porta dos fundos está trancada com dois ferrolhos deslizantes, mas não há mais nada para ver, e ela regressa ao ponto de partida.

Até ao momento, a investigação ocupou-lhe menos de dez minutos, e não deve tardar a regressar ao NC3, desde que o trânsito o permita. Quando regressa à sala de estar e se dirige para a porta que dá para a cozinha, avista uns pequenos cestos metidos na prateleira de baixo da estante *Montana* que não vira na primeira verificação. Agacha-se diante da estante para ver melhor, mas duvida que vá encontrar algo de interesse. A última divisão que tem de verificar é a cozinha, e depois irá ajudar Raheem, se ele ainda não tiver terminado no andar de cima.

— Porque está a mexer nas coisas da minha mãe?

Thulin sobressalta-se e vira-se para a voz que chega do canto escuro ao lado do sofá. Uma menina mais ou menos da idade de Le com uns longos cabelos escuros está sentada no chão, encostada à parede e a olhar atentamente para Thulin com uns enormes olhos vigilantes. Segura um telemóvel com capa cor-de-rosa.

— Olá. Sou polícia. Como te chamas?

A menina não responde. Thulin percebe que deve ter estado ali na semiobscuridade o tempo todo que vasculhou a sala, sem se denunciar, mas faz um esforço para ser simpática.

— O meu trabalho é investigar o computador da tua mamã para descobrir para onde pode ter ido. Depois devolvemo-lo. Pode ser?

— A minha mãe nunca iria a lado nenhum sem me informar — diz a menina, desalentada.

Thulin percebe a sua preocupação. Não deve ter ajudado nada ter ouvido o pai na cozinha a falar da mãe de forma tão ríspida. Thulin pensa em algo tranquilizador para dizer.

— Deves ter razão, mas às vezes os adultos não se fazem entender ou esquecem-se de dizer que têm de fazer uma coisa. Quando isso acontece, às vezes temos de investigar as coisas deles para descobrirmos onde estão.

— Mas porque é que esteve uma pessoa aqui em casa?

Thulin hesita. O agente de farda não lhe disse que estivera alguém na casa.

— Porque pensas que estive aqui alguém?

— Porque a cozinha estava arrumada e limpa quando cheguei a casa com o pai ontem à noite, mas a minha mãe nunca arruma a cozinha. Quem o faz sou eu.

A menina olha para Thulin com um misto de orgulho e insegurança.

— Se calhar decidi arrumar a cozinha para não seres sempre a tu a fazê-lo.

Thulin sorri de forma encorajadora, mas a menina não reage.

— Depois há as coisas que desapareceram. A minha mãe pensa que fui eu que as deitei fora, mas não fui.

Thulin não sabe bem como continuar a conversa. Vira as atenções para a cozinha para tentar perceber se os dois agentes de farda estão por perto para intervirem, mas não ouve nada.

— Que coisas?

— O relógio da minha mãe. A minha antiga chave com o *smiley* que deixei debaixo do vaso. Coisas assim.

O incómodo da menina parece sincero. Porém, a casa está num evidente estado de desordem, pelo que não é difícil imaginar que as coisas possam desaparecer de vez em quando. Thulin empoleira-se na beira do sofá perto da menina e tenta olhá-la nos olhos, mas ela continua a olhar fixamente para o telemóvel.

— Nós estamos a tratar disto e de certeza que vamos descobrir onde a tua mãe está. Anda, vamos procurar o teu pai. — Thulin estende a mão para a menina, mas ela não a aceita.

— Não há cave, por isso acabei. E tu? — Quem faz a pergunta é Raheem, que enfiou a cabeça pela soleira da porta. Tem um computador portátil embrulhado em película transparente debaixo do braço.

Thulin tenta oferecer de novo a mão à menina para a ajudar a levantar-se, mas ela volta a recusar.

— Há quanto tempo é que as tuas coisas começaram a desaparecer? — indaga Thulin.

— Foi na mesma altura em que a minha mãe começou a ter medo daquelas mensagens.

— Que mensagens?

A porta da cozinha abre-se e o pai da criança passa por Raheem e entra na sala de estar. Tem os lábios franzidos e sonda a sala sem os cumprimentar, até avistar a menina.

— Certo, Amalie. Vamos embora. Vais comigo para o escritório. Teremos de nos ocupar da tua mãe mais tarde.

A menina levanta-se obedientemente. Sem nunca largar o telemóvel, segue o pai até à porta da frente, onde Raheem se afasta para os deixar passar.

Thulin observa-os pelas frinchas nas venezianas enquanto caminham pela neve. De seguida, abre a porta da cozinha.

Trata-se de uma ampla divisão com armários verde-azeitona bons e modernos. No meio, há uma enorme ilha de cozinha com gavetas e um lava-louça de porcelana, e estão duas panelas lavadas pousadas na placa de vitrocerâmica. As portas que dão para o terraço têm autocolantes com aves e, no extremo oposto, numa alcova, há uma pequena mesa de cozinha pintada de branco e duas cadeiras iguais.

— O que se passa? — pergunta Raheem, depois de seguir Thulin até à cozinha.

Thulin não responde. Não há nada para ver ali. Está tudo arrumado no devido lugar e sente-se o cheiro a lavanda de um produto de limpeza de cozinha.

6

O *Toyota Aygo* está ao *ralenti* e o ar condicionado ligado no máximo numa tentativa de desembaciar os vidros. Marie Holst buzina, olhando para a sua pequena moradia em banda e para a porta da frente com a tinta a descascar que deliberadamente deixou aberta. Acabou de consultar as horas e consegue ver o cabide periclitante e a sapateira no átrio, mas nem sinal de Thor. Frustrada, começa a limpar os vidros com um trapo, já que o ar condicionado não dá conta do recado.

— Malte, o que foi que ele disse que ia fazer? Onde foi?

O seu filho de onze anos está sentado no lugar do passageiro ao lado dela com a mochila e está a ajudá-la a tratar da condensação do lado de dentro do pára-brisas com o auxílio da manga do casaco.

— Ele vem já. Se calhar, teve de ir à casa de banho.

Marie não consegue deixar de estar irritada com Thor, mesmo sabendo que o motivo da sua impaciência hoje é outro. Começa a recompor-se e tenta concentrar-se em limpar a humidade, mas depois desiste e buzina de novo, desta vez de forma mais insistente. Por fim, Thor assoma no átrio. Bate a porta da frente depois de sair e, pouco depois, entra para o banco de trás, abraçado ao saco com os manuais escolares.

— Descontraí, meu!

Marie verifica com cuidado se vêm carros e arranca. Nunca gostou da rua onde fica a sua casa. É muito movimentada e perigosa para as crianças porque a localização, que interliga duas estradas principais, faz com que seja uma escapatória para muitos condutores. Porém, graças àquela localização, haviam tido dinheiro para pagar a casa, e, além disso, é bom conseguir sair de forma rápida pela manhã.

— Thor, a ideia é estares lá quando as aulas começam. Não podes dar mais faltas, senão vais chumbar a tudo. Percebes o que estou a dizer?

— Está tudo controlado.

— Então, porque tens hoje uma reunião com o reitor?

Thor pegou no telemóvel e, em vez de responder ao olhar dela pelo retrovisor, pôe os *AirPods* com destreza nos ouvidos.

— Thor, vi a tua agenda no sistema. Porque tens um encontro com...

— É só um aviso. Não vai acontecer nada. E, se não disse nada, é só porque pensei que ele já tinha dado com a língua nos dentes há muito.

— Faz o que ele disser. É importante. Ele quer ajudar.

— Mãe, estão a falar de nós na rádio?

Marie olha para Malte, que está encostado à coluna e percebe que está a ouvir as notícias.

— ... *mas o homicídio da aluna do secundário de dezanove anos continua por resolver, e, no seguimento de um recurso relativo à investigação apresentada pela família, o Ministério Público deve anunciar hoje...*

Marie desliga o rádio. Pelo bem de Malte, assegurara-se de que não tinham o rádio ou a televisão ligados durante o pequeno-almoço, mas não se lembrara do rádio do carro.

— Não tens de te preocupar com isso, Malte. De certeza que vai correr tudo bem. Às vezes, as coisas precisam de um pequeno empurrão, mas estou a tratar disso. Está bem?

— OK.

— Hoje é sexta-feira, por isso só tens de pensar no futebol logo à tarde.

— E na receção do pai.

— E na receção do pai. Claro.

Marie esquecera completamente a inauguração da nova sede do clube; é como se Malte lhe conseguisse ler o pensamento.

— Eu e o Thor podemos ir sozinhos, se não quiseres ir.

— É claro que quero ir. Iremos juntos de carro.

— Não sei se tenho tempo — diz Thor, do banco de trás.

— Ai, isso é que tens — informa Marie, com um rápido olhar pelo retrovisor.

— Se calhar, devíamos levar-lhe um presente — diz Malte.

— Eu trato disso. Não tens de te preocupar, querido. Está bem?

Marie faz uma nota mental para não esquecer o pedido do filho, embora não lhe apeteça muito perder tempo a procurar um presente para o marido, de quem está separada. Chegaram à entrada decadente

da escola, e Malte abre a porta quase antes de Marie parar atrás dos outros carros.

— Não te esqueças de que hoje vais para casa sozinho. Há pão na gaveta — diz, depois de ele sair. Malte acena e corre para o edifício. Marie percebe que Thor não saiu do seu lugar. — Thor, tens de ir a pé o resto do caminho.

O filho levanta a cabeça.

— Porque não posso ir contigo?

— Porque é sexta-feira. Começo mais tarde, depois de ir ao grupo de apoio ao luto.

Thor resmungua com irritação e pega no saco com os livros.

— Também podias vir experimentar — diz Marie numa tentativa de animar as coisas.

— Essa é boa. — Thor abre a porta.

— Tem um bom dia e vê se consegues...

Antes de ela ter tempo de terminar a frase, Thor fecha a porta com estrondo.

Pouco depois, quando Marie encosta no parque de estacionamento debaixo de um manto de neve à frente da igreja de Hvidovre, já se convenceu de novo de que em breve tudo irá melhorar. Corre até à entrada. Consegue ver pelas janelas que os outros já começaram. No vestíbulo, despe o casaco sem fazer barulho e depois esgueira-se para o espaço principal da igreja com o máximo de discrição, encontrando um lugar vago no círculo de cadeiras onde já estão oito ou nove pessoas viradas de frente umas para as outras. Por um lado, são praticamente desconhecidos. Por outro, têm o luto em comum todas as semanas, quando ocupam a igreja. O moderador faz perguntas a um homem mais velho — Marie não se lembra do nome —, e ela não quer causar um rebuliço desnecessário, pelo que faz um ligeiro aceno com a cabeça para Therese, que está sentada à frente dela. Therese, que é dois anos mais nova, sabe muito bem que tipo de dia Marie tem pela frente, e Marie aprecia o frágil sorriso compreensivo com que Therese a brinda. Conheceram-se ali no grupo há cerca de dois anos, e, se não fosse por ela, Marie talvez não tivesse forças para continuar a vir.

Marie lembra-se bem da primeira vez. Sentara-se na cadeira a olhar para todas as caras desconhecidas e balbuciara quem era e porque

estava ali. Os outros tinham sido simpáticos e haviam-na recebido de braços abertos, todos menos Therese, que parecera calada e reservada. Marie sentira-a a observá-la e, só quando chegara a vez de Therese falar, é que Marie se compadecera dela. Ficara então a saber que Therese se juntara ao grupo há alguns meses porque o marido, transportando o bebé de ambos, sofrera um acidente rodoviário perto da autoestrada de Elsinore. Nem o marido nem o filho tinham sobrevivido ao macabro acidente.

Não obstante esta insuperável perda, Marie pressentira uma aura de força em Therese que não conseguira deixar de admirar. A dor deixara uma marca indelével no seu rosto, mas sentara-se direita na cadeira sem quaisquer sinais de autocomiseração. Mais tarde nessa noite, quando Marie já estava no carro e ia a arrancar, vira Therese a perder o autocarro e perguntara-lhe se queria boleia. Therese aceitara com alguma relutância, e não falara muito durante a viagem. Marie perguntara, esperançosa, se o grupo de apoio para o luto estava a ajudar, e a resposta de Therese fora brusca, sem rodeios e franca.

— Não. Nem por isso.

— Mas... então, porque vais?

— Foi um requisito obrigatório para poder voltar a trabalhar. Além disso, é melhor do que ficar em casa a chorar baba e ranho.

Therese é assistente social na autarquia de Gladsaxe e, mais tarde, diria a Marie que o que a salvara fora terem-na deixado voltar a ajudar pessoas tão depressa depois da sua própria tragédia. Ainda que isso significasse que tinha de conduzir quarenta e cinco minutos para cada lado desde a sua casa de férias, para onde se mudara porque não encontrara nada dentro das suas possibilidades em Copenhaga. Naquela primeira noite, na viagem de carro, ouvira em silêncio e com paciência os acessos de choro de Marie até chegarem à estação ferroviária onde a iria deixar. Apeara-se com um formal «obrigada pela boleia», e Marie ficara sozinha com as suas lágrimas e os seus pensamentos. Antes de ter tempo de se recompor e ligar o motor de novo, a porta abriu-se e Therese voltara a entrar, desta vez com uma pequena saca da loja da estação. Abriu a saca e dera a Marie uma das duas fatias de doce de framboesa que tinha lá dentro.

— Ainda tens uma família. Luta por ela — dissera.

Depois ficaram sentadas no carro a comer os doces. Desde então, tornaram-se amigas, e é raro haver dia em que Marie não fale com ela ao telefone.

Marie tenta concentrar-se no que estão a dizer. O velho, com a voz trémula, continua a falar da mulher que faleceu há pouco tempo. Embora Marie queira demonstrar empatia, não se consegue concentrar no que o homem diz. Perde-se nos seus próprios pensamentos, fitando a enorme estátua de bronze de Cristo com anjos nos ombros, e não tarda a começar a pensar se ela e o advogado terão conseguido incluir no recurso todos os argumentos óbvios. Só quando forem três da tarde é que o advogado deverá receber um telefonema do Ministério Público relativamente à decisão, o que lhe parece uma eternidade.

— Olá, Marie. Hoje quer partilhar algo connosco? — Marie percebe que o moderador a fita com simpatia, tal como Therese e todos os outros elementos do grupo. — É claro que não tem de o fazer, mas aposto que hoje é um dia especial para si.

Não é novidade o moderador ou outro participante fazer um comentário bem-intencionado sobre o processo, pois leram ou ouviram um ou outro pormenor na imprensa. Tudo o resto seria estranho, e, no que a isso diz respeito, a situação de Marie é diferente da dos demais membros do grupo. Embora se sinta frágil e não queira ser o centro das atenções, faz um esforço para responder afavelmente, pois sabe que todos querem o melhor para ela.

— É verdade. Há esta questão relacionada com o processo e é evidente que espero que seja tomada uma decisão a nosso favor.

— É claro. Mas como é que *você* se sente?

Marie já deveria estar habituada a que o moderador fizesse este tipo de perguntas, mas hoje ainda a apanha desprevenida.

— Não penso muito nisso. As coisas são o que são e... enquanto o processo estiver a decorrer, tenho de me concentrar nisso.

Pelo canto do olho, Marie percebe que Therese assente com a cabeça para que se sinta segura, mas o moderador insiste.

— É natural. Mas «o processo», como lhe chama, é algo que está fora do seu controlo. Voltou a pensar nas conversas que tivemos sobre aceitação e reconciliação...

— Sim, mas neste momento trata-se de fazer o que é certo por ela.
— Marie consegue perceber a irritação na própria voz e respira fundo para se acalmar.

— Refere-se à Caroline?

— Sim. À Caroline.

Marie assente com a cabeça para pôr cobro à conversa, mas percebe que foi desestabilizada, e, antes de ter tempo de acabar com aquilo, o moderador aproveita a oportunidade.

— Mas o que acha que a Caroline diria se a visse hoje?

— Não sei.

— Mas, se pensar um pouco, o que acha que ela diria?

— Seguramente que isso não é importante.

— Mas poderia dizer que...

— Mas não sabemos porque ela não está aqui.

A voz de Marie treme um pouco. O moderador fica em silêncio e olha para ela. Marie sente o coração a bater com força e não consegue deixar de o encarar em jeito de provocação.

— Alguém a levou. Alguém lhe fez mal. Se ela estivesse aqui hoje, acho que ela perguntaria *porque é que* lhe fizeram aquilo. — Marie sente todos os olhares em si, mas agora não se consegue conter. — *Porque é que* já não pode empurrar o Malte no baloiço ou lutar com o Thor no sofá? *Porque é que* não pode discutir com a mãe e fechar-lhe a porta na cara e depois fazer as pazes com ela? *Porque é que* não pode festejar os anos e ouvir-nos a cantar para ela... — A última frase de Marie provoca um estremecimento no grupo e ela consegue perceber o olhar de comiseração de Therese. — Desculpe. Não sei.

Por instantes, apenas se ouve o som fraco de um telemóvel que começou a tocar. Marie percebe que é o dela. Leva a mão à bolsa e vasculha à procura do telefone. É o advogado. Levanta-se e afasta-se apressadamente do grupo. Nas suas costas, consegue ouvir o moderador a tentar prosseguir, entabulando conversa com outro elemento.

— Sim? Estou?

Com base no tom de voz do advogado, não fica mais esclarecida quando ele lhe diz que, inesperadamente, a decisão já foi anunciada. A esperança aumenta, mas depois o advogado diz-lhe qual foi a decisão. Fecha os olhos e sente o ardor das lágrimas quando ele começa a explicar pormenorizadamente as bases jurídicas.

— Mas podemos recorrer, não podemos? — diz, tentando interrompê-lo.

— Apresentámos todas as objeções possíveis. Dadas as circunstâncias, receio que não seja possível reverter a decisão.

O advogado dá mais justificações, mas Marie não percebe patavina e afasta o telemóvel do ouvido. Percebe que Therese se levantou e está agora atrás dela, curiosa. No círculo, os outros permanecem em silêncio e observam com curiosidade. Marie não consegue dizer uma palavra, mas Therese compreende e abraça-a.

— Eu... tenho de ir — balbucia Marie. Liberta-se do abraço de Therese e pega na bolsa que está na cadeira. Com um nó na garganta, apressa-se a ir para a saída, tentando focar-se em a quem pode telefonar agora. O seu olhar incide sobre os anjos na estatueta de Cristo, e a última coisa em que Marie pensa antes de fechar a porta depois de sair é que eles não existem na realidade.

**UM *THRILLER* PSICOLÓGICO CHEIO
DE REVIRAVOLTAS E DE RITMO ALUCINANTE
QUE LEVA UM INOCENTE JOGO INFANTIL AO SEU
EXTREMO MAIS ATERRADOR E DIABÓLICO**

Num frio e chuvoso Dia de São Valentim, uma mulher regressa a casa inquieta e apressada; há algum tempo que recebe mensagens de texto anónimas, e tem andado atenta a qualquer movimento à sua volta. Assim que chega a casa, coloca um novo cartão no telemóvel e avisa a filha do novo número. Por um momento, sente-se segura, até receber a notificação de uma nova mensagem, o que significa não só que não conseguiu escapar ao seu perseguidor, como também que ele está muito perto. Pouco depois, a mulher desaparece.

A investigação fica a cargo de Naia Thulin e Mark Hess. Este será o primeiro de vários casos que seguem um padrão muito semelhante, e Thulin e Hess não tardam a estabelecer a relação com o homicídio por resolver de uma estudante de dezanove anos e com um outro caso arquivado há mais de trinta anos, quando uma divertida excursão escolar se transformou num pesadelo em que uma criança foi morta e desmembrada, assim como uma cria de cuco. Todos os casos envolvem um perverso jogo de escondidas, acompanhado de uma lengalenga assustadora. Conseguirão Thulin e Hess encontrar quem está por trás deste jogo em que o prémio para quem é encontrado é nunca mais ser visto?

**«ASSUSTADOR, INTELIGENTE
E REPLETO DE *SUSPENSE*.»**

THE SUN



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-701-8



9 789895 897018